

**“UM PROJETO DE LIVRO E AMIZADE”: A
CORRESPONDÊNCIA DE CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE PARA HORÁCIO DE ALMEIDA DURANTE
O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO *DICIONÁRIO
ERÓTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA* (1977-1982)**

***“A BOOK AND FRIENDSHIP PROJECT”: THE
CORRESPONDENCE OF CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE TO HORÁCIO DE ALMEIDA DURING THE
PROCESS OF PREPARING THE *DICIONÁRIO ERÓTICO
DA LÍNGUA PORTUGUESA* (1977-1982)***

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as correspondências enviadas pelo poeta Carlos Drummond de Andrade ao historiador Horácio de Almeida no período de 1978 a 1982, compreendendo as relações e motivações intelectuais desta amizade literária, com destaque para o processo de elaboração do *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*. Somadas à correspondência de Drummond de Andrade a Horácio de Almeida, foram utilizadas outras cartas/documentos sobre o dicionário citado, entre o poeta mineiro com o empresário e bibliófilo José Mindlin, que na fase final do projeto colaborou de maneira significativa na materialização da obra. Assim, neste artigo trabalhamos prioritariamente com um conjunto de vinte e quatro (24) cartas/bilhetes organizados por data em caderno presente no Fundo Horácio de Almeida, no Acervo de Obras Raras Átila Almeida, em Campina Grande, Paraíba. Além disso, discutiremos a relação correspondência, arquivo e memória a partir de diversos autores, entre eles Marco Antônio de Moraes (2007) e Brigide Diaz (2016).

Palavras-chave: Correspondência. Carlos Drummond de Andrade. Horácio de Almeida.

Abstract: *The aim of this article is to analyze the correspondence sent by the poet Carlos Drummond de Andrade to the historian Horácio de Almeida in the period from 1978 to 1982, understanding the relationships and intellectual motivations of this literary friendship, with emphasis on the process of elaboration of the Erotic Dictionary of the Portuguese Language. Added to the correspondence from Drummond de Andrade to Horácio de Almeida, other letters/documents about the dictionary*

mentioned above were used, between the poet from Minas Gerais and the businessman and bibliophile José Mindlin, who in the final phase of the project collaborated significantly in the materialization of the work. Thus, in this article we work primarily with a set of twenty-four (24) letters/tickets organized by date in a notebook present in Horácio de Almeida, at the Átila Almeida Rare Works Collection, in Campina Grande, Paraíba. In addition, we will discuss the relationship correspondence, archive and memory from several authors, including Marco Antônio de Moraes (2007) and Brigide Diaz (2016).

Keywords: *Correspondence. Carlos Drummond de Andrade. Horacio de Almeida.*

Introdução

A vida literária permite a construção das várias relações interpessoais, uma delas é a da amizade intelectual. Feita de aproximações e de distanciamentos, ganha o sentido de sociabilidades intelectuais expressas por meio de conversas pessoais, geralmente em grupos formais e informais, em especial em centros culturais como academias, livrarias, cafés e bares, por exemplo, ou tecida através da troca de correspondências, uma prática bastante comum até pelo menos a década de 1980 e que registra, assim, uma série de projetos, de sensibilidades, de conflitos, de parcerias, de confidências, entre outras atividades entre remetentes e destinatários.

Na tradição literária brasileira podemos encontrar dezenas de intelectuais que se destacaram pela prática contínua de troca de correspondências – o maior exemplo indiscutivelmente foi Mário de Andrade (1893-1945), escritor modernista que posteriormente teve grande parte de suas missivas publicadas em coletâneas, a exemplo das trocadas com Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade.

Tais cartas de Mário de Andrade, em sua maioria trocadas com alguns dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX, tiveram a possibilidade de serem catalogadas, organizadas, e em seguida publicadas, sendo muitas vezes escolhidas como objeto de pesquisa de diversas instituições pelo Brasil, destaque para o IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), na Universidade de São Paulo (USP), onde se encontra, entre outros acervos, o de Mário de Andrade. Porém, nem todos os intelectuais tiveram este mérito. É o caso, por exemplo, do historiador Horácio de Almeida.

Horácio de Almeida (1896-1983) foi um historiador, advogado, bibliófilo, ensaísta, dicionarista, fundador e sócio-efetivo de dezenas de instituições culturais no estado da Paraíba e no Rio de Janeiro. Nascido na cidade de Areia, Paraíba, em 21 de outubro de 1896, atuou intelectualmente na Paraíba entre as décadas de 1920 e 1940, tendo participado ativamente enquanto advogado, jornalista e político, sido membro fundador da Academia Paraibana de Letras (APL) e sócio-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1930.

Em 1947, Horácio de Almeida migrou com toda família para o Rio de Janeiro, onde assumiu o cargo de advogado da Petrobrás, reiniciando seu processo de elaboração intelectual, tendo publicado ensaios, abordado principalmente sobre personalidades culturais como o poeta Augusto dos Anjos e o pintor Pedro Américo, e a sua cidade natal, Areia, em estudos e biografias. Tendo se

aposentado no ano de 1966, aplicou-se ainda mais à atividade intelectual, publicando dezenas de livros, entre dicionários, ensaios e estudos históricos; também foi presidente de instituições como a Academia Brasileira de Literatura e a Sociedade de Homens e Poetas do Brasil. Tudo isso entre as décadas de 1960 e 1980.

As décadas de 1970 e 1980 foram a fase mais dinâmica da vida de Horácio de Almeida, quando publicou ou republicou grande parte de sua obra. Foi o momento em que travou amizades que marcaram a sua trajetória, a exemplo do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (nosso objeto de discussão neste artigo) e o empresário e bibliófilo paulista José Mindlin, que possibilitaram uma rica correspondência. Período também em que se tornou assíduo participante do Sabadoyle, espécie de clube de reuniões literárias ocorridas na residência do empresário e bibliófilo Plínio Doyle, no Rio de Janeiro. O bibliófilo paraibano conseguiu colecionar milhares de livros e documentos relacionados à História do Brasil e principalmente da Paraíba (Senna, 2000). O autor faleceu em 05 de junho de 1983.

Após sua morte, o acervo pessoal de Horácio de Almeida foi resguardado pelo seu filho, o matemático e bibliófilo paraibano Átila Almeida, professor residente em Campina Grande, Paraíba. A Universidade Estadual da Paraíba, no ano 2003, ao salvaguardar o acervo, disponibilizou boa parte deste material para os pesquisadores. Foi lá que encontramos um conjunto considerável de correspondências de Horácio de Almeida trocadas com vários intelectuais brasileiros ao longo do século XX. Identificamos uma pasta contendo cartas, bilhetes e documentos enviados pelo poeta Carlos Drummond de Andrade a Horácio de Almeida entre os anos de 1977 e 1982, últimos anos de vida do autor de *História da Paraíba*.

Destacaremos neste material o correspondente ao projeto em conjunto que ambos se dedicaram na elaboração do livro *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*, que se desdobrou em sua publicação no ano de 1980, em sua primeira edição; e em 1981, quando da publicação da segunda edição, desta vez com o título de *Dicionário de Termos Eróticos e afins*, lançado pela editora Civilização Brasileira.

Somadas à correspondência de Carlos Drummond de Andrade a Horácio de Almeida, serão utilizadas também algumas outras cartas/documentos sobre o dicionário citado acima, entre o poeta mineiro com o empresário e bibliófilo José Mindlin, que na fase final do projeto colaborou de maneira significativa na materialização da obra, em 1980.

Assim, neste artigo trabalharemos prioritariamente com um conjunto de vinte e quatro (24) cartas/bilhetes organizados por data em caderno presente no Fundo Horácio de Almeida, no Acervo de Obras Raras Átila Almeida¹, em Campina Grande. Tal reunião documental cobre cinco anos de amizade, entre os anos de 1977 e 1982. Neste momento vamos priorizar a correspondência enviada por Drummond para Horácio de Almeida, visto que não tivemos ainda condições de pesquisar a

1. A Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba, encontra-se sob a guarda, conservação e manutenção da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) desde o ano de 2004 e é composta por milhares de livros, obras de referência, periódicos, folhetos de cordéis e documentos oficiais. A BORAA, por sua diversidade, portanto, é um patrimônio bibliográfico e documental paraibano, sendo um dos principais centros de documentação da região (Nascimento, 2013).

outra parte das missivas pertencentes ao acervo de Carlos Drummond de Andrade, que se encontra atualmente no fundo que leva o nome do poeta, na Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Podemos definir Carlos Drummond de Andrade, assim como Horácio de Almeida, como intelectuais que exerceram o que Fernando Amed (2006) chamou de *gigantismo epistolar*, tendo produzido durante suas vidas um grande volume de correspondência presente hoje em diversos acervos. Intelectuais que à sua maneira construíram uma amizade na velhice e que mesmo morando na mesma cidade, exerceram uma profunda prática epistolar, que serve até hoje para uma melhor compreensão de suas respectivas obras literárias e historiográficas.

Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar as correspondências enviadas por Carlos Drummond de Andrade para Horácio de Almeida no período de 1978 e 1982, compreendendo as relações e motivações intelectuais desta amizade literária, em especial uma espécie de pacto de auxílio de Drummond na elaboração do *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*.

Um debate sobre as correspondências entre escritores: efeito memorial e arquivo de criação

Antes de analisarmos propriamente as cartas/bilhetes, vamos discutir brevemente algumas reflexões sobre correspondências entre escritores. A rica historiografia sobre o estatuto da carta enquanto gênero literário geralmente a caracteriza como um texto híbrido, rebelde, indefinível, fluante, além disso, paradoxal e subalternizado. Um exemplo é a pesquisadora Brigide Diaz (2016), quando afirma:

As cartas são textos híbridos e rebeldes a qualquer identificação genéricas. Gênero literário indefinível a correspondência flutua entre categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhas. De tal forma que não se sabe muito bem que lugar lhes é atribuído na geografia ordenada da literatura (DIAZ, 2016, p. 11).

Sophia Angelis (2001), em seu estudo sobre a correspondência entre os escritores russos Anton Tchekhov e Máximo Górkki, destaca como o pesquisador pode observar outras facetas de uma obra literária a partir dessas fontes:

Se, de um modo geral, as cartas de um escritor constituem fragmentos valiosos que refletem a personalidade do seu autor, o seu ambiente e as circunstâncias que envolvem seu trabalho criativo, a correspondência entre escritores pode adquirir uma dimensão especial porque nela se realiza um tipo de diálogo em que dois autores, dois estilos se confrontam e, com frequência, são discutidos problemas diretamente ligados à criação literária (ANGELIS, 2001, p. 13).

Mariana Lajolo (2013) enumera no campo dos estudos literários quatro formas mais recorrentes de pesquisa sobre as correspondências entre escritores, destacando-se entre elas os usos das cartas como fonte: os estudos sobre gênese da obra, o estabelecimento de perfis biográficos, levantamento de ideias estéticas, o estabelecimento da influência recebida ou exercida entre os correspondentes. Em nenhuma das formas enquadrados este artigo.

O que nos importa aqui é a compressão de como a correspondência entre intelectuais expressa certa arte epistolar e principalmente se constitui como uma guarda na memória a lembrança dos estados anteriores de escritores e suas obras, criando um *efeito memorial*. Ou seja, nos interessa neste contexto a partir das cartas remetidas a Horácio de Almeida por Carlos Drummond de Andrade, é o caráter documental destas correspondências, a forma como se criou uma cumplicidade na feitura da obra *Dicionário Erótico*.

Além do *efeito memorial*, nos interessa aquilo que Marco Antônio de Moraes (2007) chamou ao analisar as práticas epistolares de Mário de Andrade, de *arquivo de criação*, ou seja, o espaço onde se encontram fixadas a gênese e as etapas de elaboração de uma obra artística, desde seu início até à recepção. A carta, desta forma, ocuparia o estatuto de crônica de uma obra de arte. É justamente o que compreendemos ao observarmos o teor das cartas e dos bilhetes enviados por Carlos Drummond de Andrade para Horácio de Almeida entre os anos de 1978 e 1982, como veremos a seguir.

Dentro da uma lógica semelhante, encontramos Michel Trebitsch (1992), que refutou a correspondência como um instrumento de grande importância na orientação de estudo que visa dar conta das dimensões mais privadas do circuito intelectual. O mesmo autor entende que as cartas são espaços de troca. Elas se constituem como espaços de sociabilidades, um meio privado de troca, em oposição aos públicos: revistas, livros, colóquios. Neste sentido, Trebitsch (1992) compreende dois tipos de tratamento: a correspondência como objeto de estudo e como fonte de estudo. Entendemos que neste artigo a correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Horácio de Almeida acaba se qualificando como um documento de ordem privada, em que as missivas emitem juízos que nunca se tornaram públicos.

Para Nathália Campos (2010), as correspondências intelectuais são *enunciações do eu* que constroem uma memória de si. Uma forma também de se autopreservar em um processo chamado por Philippe Artières (1998) de *arquivamento do eu*. Nesta lógica, Carlos Drummond de Andrade e Horácio de Almeida arquivaram-se, assim como arquivaram os seus respectivos acervos, produzindo um efeito memorial e um processo de arquivo de criação.

Sob a subscrição de bibliófilos: uma amizade em fragmentos em um projeto de dicionarismo erótico

O conjunto de 24 cartas, bilhetes e documentos enviados por Carlos Drummond de Andrade a Horácio de Almeida entre os anos de 1977 e 1982 é expressão de uma amizade aparentemente em formação visto que não eram próximos antes de se conhecerem na casa de Plínio Doyle. A aproximação se deu exatamente nos encontros aos sábados na famosa reunião de intelectuais, o Sabadoyle. Ambos se aproximaram pela idade aproximada, eram octogenários e homens dedicados às letras. De um lado, um poeta nacionalmente conhecido e cultuado; de outro, um historiador notório em sua “província”, o estado da Paraíba.

Quando afirmamos que Carlos Drummond de Andrade era *um poeta nacionalmente conhecido e cultuado*, isso talvez restrinja a dimensão da sua obra, visto que além de poeta, se não o

maior de sua geração, o mineiro de Itabira dedicou-se com maestria ao conto e à crônica. No final da década de 1970, páginas de alguns dos principais jornais, em seus cadernos de cultura e suplementos literários, traziam várias abordagens sobre sua obra, além de outras centenas de estudos na Academia e no mercado editorial brasileiro, o que o qualifica como um autor canônico no campo literário brasileiro da época.

O que não é o caso de Horácio de Almeida, que apesar de sua presença em alguns momentos nas páginas dos periódicos cariocas, principalmente na divulgação de lançamentos, e mesmo atuando como participativo membro de academias como Carioca de Letras e o Instituto Histórico Brasileiro, o autor de *Brejo de Areia* era mais conhecido e reconhecido em seu estado natal, devido a sua rica produção historiográfica local.

Mesmo morando na mesma cidade, a correspondência de Drummond e Horácio expressa primeiramente uma tentativa de maior aproximação, que pode ser observada nas primeiras correspondências através de bilhetes e por nós encontradas no acervo de Horácio de Almeida:

Rio, 25.7.1978

Mestre Horácio:

Grato ao seu convite amistoso, gostaria de estar presente ao lançamento da *História da Paraíba*, embora você mesmo, por um requinte de gentileza, não estranhasse a minha ausência. Mas tenho um compromisso anterior para a mesma hora e me privo ainda da satisfação de abraçá-lo (ALMEIDA, 1978, p. 01) (*sic*).

Rio, 24/01/79

Meu caro Horácio,

Com meu abraço, venho agradecer-lhe o amável convite para o casamento de sua netinha, a linda Márcia. Não poderei comparecer, pois, no princípio de fevereiro, devo ir a Minas, apadrinhar um casamento de um parente meu. Mas pedi ao Plínio que me (ilegível) à homenagem que os sabadoyles vão fazer ao jovem pai. Muitas felicidades para a neta, e a você e senhora. Meus afetivos cumprimentos. Do velho amigo (ANDRADE, 1979a, p. 01).

No primeiro trecho, temos uma resposta de Drummond a um lançamento de Horácio de Almeida, o livro *História da Paraíba*, em dois volumes². No segundo fragmento, um convite para o casamento da neta, Márcia. Nos dois casos, temos respostas educadas, porém recusas diante de compromissos do poeta. A troca de bilhete já expressa certa intimidade entre os dois intelectuais. Isso fica claro no uso do termo “Mestre Horácio”, que se torna cada vez mais recorrente no material encontrado.

Porém, o grosso das correspondências entre os dois intelectuais trata-se de uma instigante colaboração de Carlos Drummond de Andrade para o livro que Horácio de Almeida estava organizando, o *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*, publicado inicialmente em 1980 e depois

2. *História da Paraíba* foi um livro inicialmente encomendado pelo Governo Pedro Gondim, no fim dos anos 1960, e que teve uma primeira edição no ano de 1966 pela editora da Universidade Federal da Paraíba. Ao reescrever o primeiro tomo, Horácio de Almeida acabou (re)lançando a obra em dois tomos no ano de 1978, mais uma vez pela editora da UFPB. Até hoje a obra é considerada um clássico da historiografia paraibana.

ampliado e lançado com o título de *Dicionário de Termos Eróticos e Afins*, em 1981.

No prefácio dos dois livros, é possível compreendermos como surge este projeto. Em uma espécie de apresentação ou de “carta aos leitores” do *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*, Horácio de Almeida (1980, p. 09) conta: “este livro nasceu de uma conversa no Sadoy”. Os detalhes vão sendo apresentados: “conversava-se sobre o palavrão e mais palavrinhas relacionadas com o sexo, matéria que nunca estranha a nenhuma cultura, desde as mais antigas. Surgiu então a ideia de um dicionário sobre tão vasto problema” (Almeida, 1980, p. 09) (*sic*).

Foi quando Carlos Drummond indicou Horácio de Almeida para fazer o dicionário, prometendo colaboração:

De pronto, escusei-me, alegando incompetência. Outros companheiros secundaram a sugestão de Drummond. Só Plínio Doyle, o anfitrião, não dizia palavra. Em verdade, não estava gostando daquela conversa, temeroso de ver publicada uma obra indecente, pornográfica, sob a égide do sadoy (ALMEIDA, 1980, p. 09).

Assim surgiu a ideia do livro. A correspondência entre os dois escritores é concentrada na elaboração dos verbetes do *Dicionário Erótico*. Cada um se prontificou a pesquisar expressões que poderiam fazer parte do livro em construção. No início do ano de 1979, encontramos o seguinte bilhete de Drummond a Horácio de Almeida:

Rio, 21 de janeiro, 1979
Mestre Horácio
Foi mofina e colheita nos 6 volumes das Obras Completas de Gil Vicente (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1942-1944). Aí vai um pouco do que achei, com um abraço amigo do Drummond (ANDRADE, 1979b, p. 01).

Drummond vai colaborando, cercado de referências e de indicações de livros que porventura poderiam ser útil ao projeto. No mesmo prefácio da primeira edição, Horácio de Almeida (1980) afirmou:

Carlos Drummond de Andrade teve parte grande neste livro. Deu mais do que prometera. Primeiro foi o pai da idéia. Deu-me ânimo para enfrentar a tarefa. Influuiu ainda na sistemática da obra, sugerindo, por modo indireto, que as definições fossem sintéticas e se evitassem gíria definitiva por outra gíria, como acontece em alguns dicionários de brasileirismos. Finalmente, sem a ajuda dele este dicionário sairia magérrimo de abonações. Cerca de 60 por cento das referências que enriqueceram os verbetes foram fornecidos por ele (ALMEIDA, 1980, p. 11) (*sic*).

A correspondência neste estágio, principalmente a de 1979, permite observar a gênese e as primeiras etapas de elaboração do dicionário, naquilo que o pesquisador Marco Antônio de Moraes (2007), dentro de uma perspectiva da crítica genérica, chamou de *arquivo de criação*. Fica evidente

que o não contato com as cartas enviadas por Horácio de Almeida a Drummond impede um maior aprofundamento, entretanto, as respostas do poeta mineiro ao historiador carioca evidenciam o caráter coletivo da obra, mesmo que a autoria tenha cabido exclusivamente a Horácio de Almeida. O mais curioso da correspondência é observar como os dois escritores se divertiram com o processo de pesquisa. Drummond dedicou-se já na velhice a escrever poemas eróticos, encaminhando bilhetes bem-humorados, com lista de nomes e comentários sagazes. Enquanto trabalho literário, as duas versões do dicionário não trazem apenas os verbetes que remetem ao erotismo, mas também indicam exemplos dessa utilização na literatura brasileira e portuguesa. Um exemplo que podemos citar é um bilhete em que Drummond sugere os verbetes “táxi-girl” e “virgenete”, que retira de um poema de Vinicius de Moraes: “te encontrei, ó mariposa/ ó táxi-girl, ó virgenete (...) (Vinicius, poesia, 231)” (Andrade, 1979c, s/p).

Em outro documento, anexado a uma das cartas enviadas a Horácio de Almeida, o poeta retira do livro *Dicionário das plantas uteis do Brasil*, do naturalista e botânico português M. Pio Correa, em seus seis volumes, possíveis verbetes para o dicionário erótico do amigo. Entre os nomes, denominações curiosas e populares para as plantas, que carregam uma relação com a sexualidade humana, a exemplo de “bunda-de-mulata” (amarelinha), “cabaço amargoso”, “capim bosta-de-rola”, entre outros.

Depois de escrito o livro, com o título *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*, a correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Horácio de Almeida se dedica às minúcias editoriais e depois ao processo de financiamento do projeto, o que implicou principalmente na propulsão de contatos que Carlos Drummond de Andrade possuía na época, em todo o Brasil.

Em meio à correspondência enviada por Drummond a Horácio de Almeida, encontramos uma cópia de uma longa carta do já citado José Mindlin para o poeta mineiro, que detalha dados editoriais bastante esclarecedores sobre a composição final da obra, em fase de editoração, que revela uma rede de bibliófilos que foi utilizada para que o dicionário fosse possível.

Datada de 22 de outubro de 1979, nela José Mindlin afirma primeiramente:

Meu caro Drummond:

Andei vendo como resolver o problema da impressão do Dicionário, e acabei limitado à Digital Gráfica (a mesma que imprimir “A Visita”), pois outra boa oficina, que imprimir a “História da Tipografia”, só pode fazer de 1000 exemplares pra cima. Há uma diferença que não consigo entender entre o orçamento da Digital e o orçamento carioca, e não sei avaliar a qualidade do trabalho daí – o daqui está certo e que será muito bom. Mas vamos aos números. O Álvaro, da Digital, orçou a composição de 240 páginas em Cr. \$ 60,000, 00, e em Cr. \$ 120,00 por exemplar a impressão e acabamento, o que, para 200 exemplares, seria praticamente o preço do Rio, mas para isso sairia mais caro. A discriminação para 500 exemplares, sairia a seguinte, em números refobrados:

Composição 60,00

Papel 15,00

Impressão 15,00

Produção 15,00

Acabamento e capa: 15,00 (MINDLIN, 1979, p. 01)

O bibliófilo José Mindlin detalha então os preços da impressão, revela com minúcias as dificuldades, bem como as desconfianças com as editoras e gráficas que fez contato, detalha também os valores, expressando a sua habilidade como “homem de negócios”:

Outro problema que me deixa meio em dúvida é o que vamos pedir aos subscritores. Como temos aproximadamente 120, uma solução seria pedir de cada um o preço total dividido por 120, e desse o produto da venda dos demais exemplares iria para o Horácio. Outra solução, se se imprimissem 550 seria que cada subscritor, pagando 1/120 do custo total, recebesse dois exemplares, amenizando (é com S ou com Z?) o custo, e ainda ficaria um bom número para o Horácio. Uma terceira solução seria ativarmos a procura de subscritores no custo da impressão, pedindo aos subscritores atuais apenas a proporção real. É possível que haja outras alternativas, que não me ocorreu no momento, mas creio que se unirmos nossos recursos cerebrais havemos de encontrar uma solução razoável, e aguardo seus comentários, e dos amigos do Rio (MINDLIN, 1979, p. 01).

Mindlin, portanto, assim como Drummond, se utiliza de seu capital social³ para indicar possíveis compradores do livro, tendo enviado listas de intelectuais interessados em adquirir antecipadamente a obra, como forma de bancar a mesma. Tal procedimento, bastante comum entre os bibliófilos, em especial do Rio de Janeiro e São Paulo, nos permite observar como uma rede de sociabilidade intelectual foi utilizada como um projeto de livro coletivo.

Se em outubro Mindlin discutia com Drummond a feita editorial do livro, antes disso o debate se dava entre o poeta mineiro e o historiador paraibano:

Contribuição dos interessados no projeto. Uma vez preparados os originais, será pedido orçamento de impressão a uma gráfica (ou mais de uma, se for o caso), e então se estipulará a quantia a ser desembolsada pelos subscritores. Esta última importância ficará depositada em uma conta especial num banco, a cargo de um dos companheiros ou outra pessoa idônea, a ser escolhida pelos membros subscritores.

Os signatários da presente exposição dispõem-se a cumprir as obrigações que forem estabelecidas em nova reunião de todos os amigos e companheiros de Horácio de Almeida para a publicação do Dicionário.

Rio de Janeiro, 18 de abril de 1979.

De acordo.

(ANDRADE, 1979d, p. 01)

3. No campo das Ciências Sociais, se utilizarmos a terminologia de Pierre Bourdieu (1986), capital social são recursos reais e potenciais vinculados à posse de uma rede durável de relações institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento. No caso de Carlos Drummond de Andrade, sua trajetória dentro do campo literário brasileiro era, ao final da década de 1970 e início dos anos 1980, um dos mais fortes no país. Considerado uma unanimidade, seu nome era sinônimo de boa poesia e de legitimação literária, devido as suas atuações tanto no mercado editorial (venda de livros), como na imprensa, pois, como cronista, influenciava no debate público sobre literatura e cotidiano no país.

Nesta lógica, a documentação encontrada no arquivo permite conhecer através das listas produzidas por Drummond alguns dos colaboradores que estavam interessados em adquirir o livro naquele momento, que vão desde críticos literários reconhecidos, como Afrânio Coutinho, Antônio Candido, Alexandre Eulálio, João Alexandre Barbosa, passando por romancistas e intelectuais também de renome, como Cyro dos Anjos, Celso Lafer, Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss.

Interessante destacar que junto à correspondência, Horácio de Almeida anexou também um texto-base, encaminhados por Drummond a este e outros contatos citados acima, justificando a necessidade de ajuda dos mesmos, como forma de colocar em prática este projeto: “a publicação de tal obra exige conhecimento prévio das condições vigentes no país, que desaconselham sua edição comercial. Resolveu-se, pois, fazer tiragem restrita, de 200 exemplares, a ser distribuída mediante subscrição de bibliófilos” (Almeida, 1979, p. 01).

A correspondência entre Drummond e Horácio de Almeida, portanto, trata dos dados editoriais tanto da primeira como da segunda edição do mesmo livro, quando este ganhou um novo título: *Dicionário de Termos Eróticos e Afins*, em 1981. Neste meio termo, a leitura das cartas permite observar depois do lançamento o sucesso do empreendimento editorial produzido através do pacto entre os dois escritores. Drummond encaminha para Horácio de Almeida trechos de crítica produzidos na imprensa. Destaque para uma matéria publicada no suplemento literário *Minas Gerais*, de 13 de fevereiro de 1982, quando encontramos os detalhes dos dicionários:

Por duas vezes foi este Dicionário passado a limpo. Da primeira, quando ainda em fichas manuscritas quem tomou a si o encargo de datilografá-lo, por surpreendente que pareça, foi Carlos Drummond de Andrade. Esta honra, é preciso que se diga bem alto, foi demasiado excessiva para o autor.... “E ainda, segundo Horácio de Almeida, na apresentação de seu Dicionário de Termos Eróticos e Afins, saído recentemente em 2ª edição, pela Civilização Brasileira, CDA foi o pai da ideia. E aí está para pesquisa e enriquecimento linguístico esse maravilhoso Dicionário, com cerca de 4.300 verbetes. Grande quantidade deles ainda são abonados com curiosas e bem escolhidos excertos de autores portugueses e brasileiros” (MINAS GERAIS, 1982, p. 1).

Considerações finais

Desta forma, ao analisarmos o material enviado por Carlos Drummond de Andrade a Horácio de Almeida, e resguardado pelo ótimo acervo pessoal, acabamos por compreender melhor os bastidores da composição das duas versões do *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*, publicadas nos anos de 1980 e 1981.

No seio desta composição coletiva, como observamos, temos à disposição uma amizade literária também construída, ou pelo menos conduzida neste processo intelectual. Temos, então, além de um *efeito memorial*, um *arquivo de criação*, no dizer de Marco Antônio de Moraes (2007), um espaço que fixou a gênese e as etapas de elaboração do *Dicionário Erótico*. Nesta matriz, temos dois homens velhos, curiosos, dedicados à vida intelectual que viram neste processo uma chance de

organizar e classificar o mundo do erotismo em nossa língua portuguesa.

Horácio de Almeida, pouco tempo depois de lançar as duas versões do *Dicionário Erótico*, adoeceu e veio a falecer em 05 de junho de 1983, no Rio de Janeiro. Podemos afirmar que por mais que tenha publicado uma dezena de livros que vão desde biografias, passando por ensaios, textos historiográficos e dicionários, o livro *Dicionário de Termos Eróticos e Afins* foi o seu livro mais badalado nacionalmente. Mesmo em uma rápida pesquisa em seu arquivo pessoal é possível observar as resenhas e críticas ao dicionário em diversos meios de comunicação da época, incluindo em revistas de grande circulação, como a *Manchete*.

O poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade, na ocasião da morte do amigo, publicou uma crônica em homenagem àquele chamada *Vovô é um barato*. No final da crônica veio o reconhecimento:

Era antipreguiçoso, o anticonvencional, o velhinho mais desinibido com que contávamos no Rio de Janeiro. Se chegasse aos 90 ou aos 100, haveria de querer aproveitar até a última gota de vinho do trabalho intelectual sem omitir os prazeres da boa mesa, entre familiares e amigos. Não chegou, mas jamais desistiu de viver a vida plena da inteligência e de atualização com o tempo. Um barato, realmente (ANDRADE, 1984, p. 03).

Carlos Drummond de Andrade faleceria poucos anos depois, mais precisamente em 17 de agosto de 1987, na mesma cidade do Rio de Janeiro. Em sua primeira biografia, escrita pelo jornalista José Maria Cançado, intitulada *Os Sapatos de Orpheu*, publicada em 1993, encontramos no final uma marca deste projeto em comum. Identificamos uma lista das obras mais importantes da vida de Carlos Drummond de Andrade, feita pelo mesmo, e nele se encontra o dicionário de Horácio de Almeida. Uma forma de reconhecimento, como também de amizade.

Referências

LIVROS

ABGELIDES, Sophia. *Carta e literatura: correspondência entre Tchêkhov e Górkki*. São Paulo: Edusp, 2001.

AMED, Fernando. *As cartas de Capistrano de Abreu: sociabilidades e vida literária na Belle Époque carioca*. São Paulo: Alameda, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Vovô é um barato*. *Correio das Artes*, João Pessoa, 18 mar. 1984.

ANDRADE, Mário de, e BANDEIRA, Manuel. *Correspondências*. São Paulo: Edusp, 2001.

ANDRADE, Mário de, e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Correspondências*. São Paulo: Edusp, 2001.

ANDRADE, Mario de. *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ANDRADE, Mário de. *Lição de amigo: cartas de Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário de Termos Eróticos e Afins*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário Erótico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1980.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 09-34.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John G., org. *Handbook of theory of research for the sociology of education*. Westport: Greenwood Press, 1986.

CAMPOS, Nathalia. A narrativa do eu: a carta como intriga biográfica e como gênero literário. In: SAID, Roberto; NUNES, Sandra, orgs. *Margens teóricas: memória e acervos literários*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orpheu*. São Paulo: Scritta, 1993.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.

LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato e Câmara Cascudo: correspondência, história e teoria literária. In: SILVA, Marcos. *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

MORAES, Marcos Antônio de. Epistelografia e crítica genética. *Ciência & Cultura*, v. 59, n. 01. São Paulo, 2007, p. 30-32.

NASCIMENTO, Francineide Batista do. Estudo sobre a preservação documental do arquivo prof. Átila Almeida. 2013. *Monografia* (Especialização em Gestão de Arquivos) – Universidade Federal

de Santa Maria, São Lourenço do Sul-RS.

SENNA, Orlando. *O Sadoyle: histórias de uma confraria literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

TREBITSCH, Michel. Correspondances d'intellectuels: les cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). *Sociabilites Intellectuelles: lieux, milieux reseaux*, Paris, n. 20, 1992, p. 01-11.

FONTES

Manuscritos

Cartas e bilhetes de Carlos Drummond de Andrade para Horácio de Almeida (1977-1982). Rio de Janeiro, Acervo Horácio de Almeida.

Cartas de José Mindlin para Carlos Drummond de Andrade (1979-1980). São Paulo, Acervo Horácio de Almeida.

Documentação manuscrita de Carlos Drummond de Andrade (1977-1982). Rio de Janeiro, Acervo Horácio de Almeida.

Periódico

MINAS GERAIS, Belo Horizonte, 13 fev. 1982.

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Historiador, escritor e professor. Doutor em História Social (USP). Mestre em História (UFMG). Graduado em Jornalismo e História (UEPB). Atualmente é professor concursado de História da Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia (SEECT-PB).

Recebido em 25/06/2023.

Aceito em 30/09/2023.